

## 2. TRABALHO E FOTOGRAFIA: um estudo sobre o trabalho ambulante no Rio de Janeiro, durante a gestão do Prefeito Pereira Passos

Maria Augusta Martiarena  
Clarice Schüssler

### Introdução

A pesquisa histórica é instigante para aqueles e aquelas que se dedicam ao estudo do passado a partir dos vestígios que nos chegam. A fotografia, cuja inserção no arcabouço de fontes de pesquisa históricas se deu tardiamente, constitui-se em documento relevante. Sobre ela, Fontcuberta (1997, p.12) afirma que: “A história da fotografia pode ser contemplada como um diálogo entre a vontade de aproximarmo-nos do real e as dificuldades para fazê-lo”<sup>78</sup>. Inicialmente, quando foi inventada, em meados do século XIX, a fotografia foi compreendida a partir de um ideário mítico de veracidade absoluta, tendo em vista as características técnicas que lhe atribuíam confiabilidade e capacidade de reprodução e apreensão da realidade. Posteriormente, foi considerada como documento cuja confiabilidade era questionada, passando a ser com mais frequência utilizada na segunda metade do século XX.

O presente artigo propõe-se a tecer reflexões acerca de um estudo que envolve a fotografia como fonte de pesquisa (tanto originais, como imagens publicadas na imprensa) sobre o trabalho ambulante. Objetiva-se, portanto, analisar a perspectiva teórica e metodológica com que tal documento foi pesquisado.

A dissertação “Homens de pequenas profissões: a fotografia na construção de representações sobre o trabalho ambulante na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX” (SILVA, 1998)<sup>79</sup> foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, por Renata Augusta dos Santos Silva, orientada por Ana Maria Mauad e defendida em 1998. Tal investigação dedicou-se ao tema do trabalho ambulante no Rio de Janeiro. A autora apresenta-nos já no título, as informações e categorias necessárias para compreendermos seu objeto de pesquisa e o recorte temporal em que se encontra inserido.

A dissertação dedica-se à análise do processo de construção de representações sobre o trabalho ambulante a partir da necessidade de reordenamento das típicas práticas sociais da cidade do Rio de Janeiro. A autora discutiu a recodificação da atividade dos ambulantes, que era considerada atrasada e insalubre. Além das ações municipais, a recodificação ocorreu também por meio de discursos verbais e “não verbais”, como crônicas, caricaturas e fotografias, estas últimas escolhidas para a investigação.

A pesquisa utiliza-se, como fontes, das fotografias publicadas nas revistas ilustradas da época (Fon-Fon, Careta e Revista da Semana), bem como aquelas produzidas pelo fotógrafo oficial da prefeitura, Augusto Malta. A seleção dos documentos baseou-se na avaliação das tiragens e em fontes secundárias sobre a história da cidade do Rio de Janeiro e da imprensa. A autora caracterizou especificamente estas revistas a partir da compreensão de Mauad, de que tais impressos eram responsáveis por ditar modas e comportamentos, assumindo a estética burguesa como a forma fiel do mundo que representavam.

A influência teórica de Mauad, notadamente no que se refere ao papel que sua tese denominada “SOB O SIGNO DA IMAGEM: A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX” encontra-se relacionada ao contexto de constituição de um campo conceitual referente à

<sup>78</sup> Original: “La historia de la fotografía puede ser contemplada como un diálogo entre la voluntad de acercarnos a lo real y las dificultades para hacerlo”.

<sup>79</sup> SILVA, Renata Augusta dos Santos. **Homens de “pequenas profissões”**: a fotografia na construção de representações sobre o trabalho ambulante na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, p.160, 1998.

fotografia como fonte de pesquisa para a História em esfera nacional. Deve-se ter em conta que as imagens, em geral, foram inseridas no arcabouço de documentos a serem utilizados pelos historiadores e historiadoras apenas a partir de um processo de abertura às novas fontes, ocorrido notadamente com a terceira geração da Escola dos Annales. No Brasil, as décadas de 1980 e 1990 vão marcar o início dessa inserção, no qual destacam-se estudos como os de Kossoy (1989) e Mauad (1990). A tese de Mauad, cuja organização e análise dos documentos pautou as práticas investigativas de Silva (1998) dedica-se a práticas sociais levadas a cabo no Rio de Janeiro, entretanto, referem-se a grupos sociais diversos. Mauad (1990) abordara a elite, enquanto Silva lançou seu olhar para as camadas populares.

A dissertação dedica-se ao estudo dos trabalhadores ambulantes, tais sujeitos sociais constituem-se em seu objeto da pesquisa. Contudo, deve-se ter em conta que o que fora produzido de imagens foi pautado pelas práticas dos grupos sociais mais elevados. Nesse sentido, o estudo analisa a perspectiva dos editores, ou seja, os cronistas, caricaturistas e fotógrafos, editores que publicavam nas revistas ilustradas e também do fotógrafo Augusto Malta, trata-se de refletir acerca da construção de uma representação sobre tais trabalhadores, em um contexto de modernização e reformas urbanas, no qual sua profissão parece opor-se ao ideário de higiene e civilidade então preconizado. Os sujeitos estudados são trabalhadores livres que, no entanto, não contavam com qualquer amparo legal, além de estarem cercados de preconceitos sobre o trabalho manual, bem como sobre sua origem étnica e social.

O estudo encontra-se temporalmente delimitado nas primeiras décadas do século XX, período que integrou a Primeira República, a qual iniciou-se em 1889, pondo fim ao Império do Brasil (1822-1989). Com relação ao espaço, tal pesquisa é ambientada na cidade do Rio de Janeiro, em um cenário de transformações urbanas que caracterizaram o período anterior. O estudo das transformações urbanas foi tema recorrente, conforme a autora, de pesquisas ocorridas entre as décadas de 1980 e 1990<sup>80</sup>, quando cerca de 50% da população vivia de curtos expedientes e venda de artesanato na rua.

Destaca-se que a cidade sofria mudanças nos seus espaços físicos, as quais impactavam diretamente nas questões sociais. Para Silva (1998), falar de trabalho urbano é falar também dos ambulantes, embora esses sejam pouco discutidos, uma vez que são integrados ao cotidiano e responsáveis por abastecer uma parcela de bens e serviços. Diante disso, salienta-se a noção de trabalho baseada na legitimação da ordem burguesa de inspiração europeia, a qual fez com que o trabalho ambulante passasse a ser visto como uma prática negativa.

Essas transformações, que podemos considerar um aspecto conjuntural da época, a “modernidade”, foi também discutido por Martiarena de Oliveira (2012). Nas relações entre modernidade, urbanização e fotografias nas primeiras décadas do século XX, no contexto brasileiro, a autora observa que a República influenciava as novas cidades, emergidas do período imperial, prontas para adaptarem-se à modernidade republicana. Conforme a autora:

Nesse contexto de reformas urbanas, a fotografia, também fruto da modernidade, encontrou espaço para tornar-se ferramenta indispensável na difusão do pensamento republicano reformador, demonstrando o desenvolvimento das cidades que eram, então, modernizadas, (MARTIARENA DE OLIVEIRA, 2012, p.112).

O presente capítulo aborda, inicialmente, o contexto do trabalho ambulante no Rio de Janeiro; posteriormente, são analisados os referenciais teórico-metodológicos que pautaram a pesquisa de Silva (1998). Por fim, dedica-se a compreender a análise das fotografias oficiais e das fotografias publicadas na imprensa.

---

<sup>80</sup> Conforme revisão bibliográfica apresentada pela autora, (SILVA, 1998), ocorreu, nas universidades brasileiras, a proliferação de estudos sobre o tema das transformações urbanas entre as décadas de 1980 e 1990.

## 1. O trabalho ambulante no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX

Para a autora: “O trabalho de pesquisa em História impõe ao investigador a necessidade de fazer uma leitura das leituras que uma sociedade produz de si própria [...]” (SILVA, 1998, p.11). A autora ressalta a importância de que a investigação seja mediada por vários tipos do que denomina “textos”, cuja natureza será fundamentalmente analisada no sentido de realizar a opção metodológica correta, bem como marcados pela intertextualidade, promovida pela diversidade de fontes.

Silva (1998, p.11) afirma: “Esta forma de investigação do passado deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se produz sentido sobre o mundo social”. Pode-se dizer que as afirmações da autora acerca da história como um estudo dos processos, encontra-se em consonância com Vilar (2001), que entende que o conhecimento histórico consiste em compreender e esforçar-se por fazer compreender os fenômenos sociais nas dinâmicas de suas sequências. Para o autor, os processos não esclarecem a História, é a História que joga luz sobre os processos. Logo, o estudo de Silva dedica-se a compreender os processos sociais que conformam o trabalho ambulante, bem como suas representações por meio de fotografias.

Como mencionado anteriormente, a dissertação aqui estudada dedica-se ao Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Como afirma Vilar (2001, p. 21): “Pensar a sociedade é pensar o tempo e o espaço”. Conforme Silva (1998), o Rio de Janeiro, no período estudado, era a capital federal e constituía-se em um locus de intenso exercício de poder. A autora destaca que:

[...] a organização de seu espaço e de suas relações sociais eram uma das faces deste exercício. Leis, Posturas Municipais, crônicas, fotografias, entre outros, foram instrumentos produzidos e controlados por diferentes agentes da sociedade que concorreram e se articularam para ordenar a cidade e seus habitantes (SILVA, 1998, p.15).

Nesse contexto, Silva (1998) dedicou-se a compreender o trabalho ambulante, sob a justificativa de que muito pouco havia sido pesquisado até então sobre esse tema, tendo em vista que o trabalho urbano havia sido pesquisado notadamente no que se refere ao operariado, às relações entre empregadores e empregados, bem como a movimentos de greve. Com relação ao recorte temporal, a autora relaciona ao fato de que a cidade sofria uma reforma urbana, marcada não apenas pela mudança do espaço físico, mas pela remodelação social. Promoveu-se, então, um trabalho de classificação e ordenamento, no âmbito do qual determinadas práticas foram caracterizadas como atrasadas e insalubres, em oposição ao que era definido como moderno e civilizado. Sobre tais concepções, deve-se ter em conta que, segundo Pesavento (2003, p. 79) “Tradução sensível da renovação capitalista do mundo, a modernidade, enquanto experiência histórica, individual e coletiva, faz da cidade mais que um locus, um verdadeiro personagem”.

Aos habitantes da cidade, então, cabe-lhes serem modernos, educados e dedicarem-se à filantropia e à sociabilidade. A modernidade representou, dessa forma, a definição de novas identidades. As massas empobrecidas que ganhavam corpo nas periferias urbanas, integradas por pessoas que não se adequavam à conjuntura moderna, tornaram-se o foco de preocupações da elite, que buscava atuar através de “processos civilizatórios”. As representações urbanas demonstram as formas de percepção de significações presentes no entorno, inserindo-se no campo do imaginário urbano. A renovação e a transformação da cidade, objetivando o progresso, geraram opiniões divergentes, favoráveis e contrárias às reformas urbanas. Nesse contexto, as concepções de trabalho são constituídas. Conforme Silva (1998):

A construção da noção de trabalho assumiu um papel muito importante em meio a este processo de legitimação de uma ordem burguesa de características urbanas e inspiração europeia, que se estabelecia numa realidade socioeconômica eminentemente agrária e recém-saída da escravidão, (SILVA, 1998, p. 14).

Ao apresentar tais informações, a autora situa-se no campo das estruturas, as quais são compreendidas por Vilar (1985) como é um conjunto de relações características mantidas durante um período suficientemente longo de tempo. Conforme o autor, por ocupar-se das sociedades, é necessário que a história possa exprimir as respectivas relações internas por meio de um esquema de estrutura. Nesse sentido, justamente por construir esquemas estruturais de funcionamento, a história deve dar conta também das contradições e das tensões que provocam as mudanças de estruturas.

A pesquisa insere-se no contexto de uma sociedade em transição, tendo em vista que ainda é herdeira da sociedade escravocrata e monárquica, que ruíra poucos anos antes do período estudado, mas que ainda trazia suas marcas. Por outro lado, a autora menciona o fortalecimento de uma sociedade burguesa que vislumbrava na urbanização, um dos elementos possíveis para sua afirmação na ordem vigente, propiciando a remodelação social que lhe interessava. Para a autora, os processos de construção de representações estão sempre relacionados com o interesse do grupo social que os constrói, em determinado contexto histórico, portanto é necessário entender o contexto em que acontecem. Para tanto, recorre ao conceito de conjuntura apontada por Vilar (1985, p. 77): “[...] conjunto das condições articuladas entre si que caracterizam um dado momento no movimento global da matéria histórica”.

Silva (1998) informa que a regulamentação da venda ambulante de alguns produtos como leite e carnes, já existente desde o século XIX, foi enfatizada na administração de Pereira Passos, intendente do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906. De acordo com a autora, datam de 1903, os primeiros decretos que proíbem e regulam este trabalho, bem como davam especificações minuciosas sobre o acondicionamento dos produtos, materiais e pagamentos de licenças.

Pode-se dizer que a autora desenvolveu uma investigação interessante e que conduz o leitor a ponderar sobre a existência de discurso em materiais não verbais, como crônicas, caricaturas e fotografias. A autora suscita à reflexão sobre o modo que estes materiais impactam a vida de quem os visualiza, podendo induzir a determinados comportamentos e condutas. De acordo com a autora, as descobertas mais interessantes nessa área acontecem quando o pesquisador tenta identificar o que está oculto nos discursos, ou seja, decifrar nas entrelinhas.

## **2. O embasamento teórico para a análise dos documentos**

A pesquisa de Silva (1998) insere-se no campo das representações, conceito que se situa no âmago do policentrismo existente na Nova História Cultural, e constitui-se uma preocupação permanente nessa corrente historiográfica. Chartier (2006) afirma que, em primeiro lugar, centrando a sua atenção sobre as linguagens, as representações e as práticas, a Nova História Cultural propõe um modo inédito de compreender as relações entre as formas simbólicas e o mundo social. Logo, é a partir da categoria de representação que a autora lançou o seu olhar sobre as fontes iconográficas que selecionou.

Ao utilizar esse autor como referência, afirma a necessidade da pesquisa histórica em pautar-se no intento de compreender como uma realidade social situada em determinada época, foi “construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, apud SILVA, 1998, p. 11). Silva (1998) tem em conta o que o autor afirma no que se refere ao fato de que: “as representações do mundo social assim construídas [...] são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forja” (CHARTIER apud SILVA, 1998, p. 12). Tendo em vista sua preocupação com os agentes envolvidos na construção das representações acerca do trabalho ambulante, a autora trouxe relevantes informações sobre o contexto da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. A dissertação tem em conta, em cada análise, as relações de interesses presentes na produção e difusão das fotografias estudadas. Que representações são essas?

Com o intuito de pensar a ação discursiva que construiu representações sobre a realidade social estudada, Silva (1998) embasou-se em Bourdieu (1989), notadamente na categoria “campo de poder”, na qual a neutralidade das percepções sociais é contestada. Para o autor referenciado, a categoria campo de poder é resultante de um conjunto de campos menores,



que interagem entre si, tais como o político e o intelectual. No intuito de definir as agências que compõe os campos, Silva (1998) recorreu a Gramsci, tendo em vista que um dos elementos fundamentais é o Estado ou, como também denominado pelo filósofo italiano: “sociedade política”: “[...] corresponde à função de hegemonia que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de domínio direto ou de comando que se expressa [...] no governo jurídico” (GRAMSCI apud SILVA, 1998, p. 17).

De acordo com a autora, o aparelho de Estado assume uma função organizadora. A categoria Estado foi baseada em Poulantzas (1985), que considera que o mesmo organiza e representa as classes dominantes. O autor ressalta o caráter dinâmico do Estado, tendo em vista que o mesmo encontra-se em um processo de construção em movimento, no qual as disputas de frações da classe dominante ocorrem com o intuito de alcançar a hegemonia. Silva (1998), a partir de sua fundamentação teórica, compreende que ao estudar o período a que se dedica, torna-se necessário identificar qual o projeto hegemônico relacionado às reformas urbanas, no qual se inserem conjuntos de ações codificadoras das relações sociais na urbe daquele momento.

Com relação ao campo intelectual, Silva (1998) retoma Bourdieu (1989), notadamente para tratar da construção de representações simbólicas, as quais garantem inteligibilidade às relações. Ao mencionar o autor, Silva (1998) aponta para a categoria de função simbólica assumida pelos símbolos, que se constituem em instrumentos da integração social. Logo, tece reflexões sobre a elaboração de um consenso sobre o sentido do mundo social, o qual, conforme Bourdieu, facilita o processo de reprodução da ordem social.

Ao apresentar a preocupação com relação aos agentes que estabeleciam uma hegemonia política, econômica, social e das formas de pensar, a autora aponta para a intencionalidade na produção fotográfica. Nesse sentido, torna-se fundamental ressaltar que, conforme Ciavatta (2002, p. 22): “As representações do mundo social, embora aspirem à universalidade, são sempre determinados pelos interesses dos grupos que as geram”.

### **3. Os trabalhadores ambulantes através de fotografias: referenciais teóricos**

Silva (1998) afirma que em meio a tantas práticas, escolheu trabalhar com fotografias, pois essas configuram-se em um tipo de “janela para olhar o Rio de Janeiro do início do século XX, não com os olhos de hoje, mas sim tentando recuperar o olhar e as leituras que estas imagens tiveram naquela época [...]” (SILVA, 1998, p. 20). Para a autora, é importante compreender qual papel que as imagens fotográficas exerceram na formação e conformação de determinados códigos de representação social no período estudado.

A pesquisa realizada ocorre em um período de inserção ainda singela das fontes fotográficas na investigação no Brasil. Na mesma década que a autora, Leite (1993) afirmava que, para a história o que interessava na fotografia implicaria “o ângulo de quem observa, analisa e tenta compor fotografias já existentes. Não é uma prática para quem escolhe a imagem, nem para o fotógrafo” (LEITE, 1993, p. 72). Existia, ainda, um certo preconceito com a utilização da fotografia como fonte histórica ou documento de pesquisa. Para Kossoy (1989), dois motivos levavam a isso: um aprisionamento à tradição escrita e as próprias dificuldades que o pesquisador encontrava, entre as quais constam as questões envolvendo a realidade fotográfica, das diferentes visões originadas pela diversidade de origens dos pesquisadores e da necessidade de outras fontes para complementar a pesquisa.

Entretanto, a parte de tais dificuldades, foi considerado viável realizar investigações cuja documentação é integrada por fotografias. Segundo Leite (1998), é possível, por dedução e síntese, obter informações que não se encontram diretamente visíveis na fotografia. Após uma leitura inicial, que seria um exercício de identificação, a fotografia admite a interpretação, que resulta de um esforço analítico, dedutivo e comparativo.

A autora selecionou fotografias do que considera duas agências distintas. a imprensa e o fotógrafo Augusto Malta, tendo em vista a análise de campos de poder. As fotografias oficiais encontravam-se relacionadas ao aparelho de Estado do Município, logo, referem-se ao campo

político. Já as fotografias publicadas em reconhecidas revistas ilustradas têm sua produção vinculada ao campo intelectual. Deve-se ter em conta que o campo político pode ser considerado campo intelectual e o mesmo pode ser considerado do campo intelectual, cujas ações reverberam politicamente. Entretanto, justamente para diferenciar as agências produtoras, a autora frisa tal diferenciação.

Com relação ao corpus documental elencado para análise e que fora produzido por Malta, foi analisado um total de 511 fotografias realizadas entre 1903 e 1920, sendo que 315 foram extraídas de revistas ilustradas e 198 produzidas por Augusto Malta, fotógrafo oficial da prefeitura do Rio de Janeiro.

Ao contextualizar os documentos que servem como fontes para sua investigação, Silva (1998) retoma brevemente a história da fotografia no Brasil, citando dois aspectos importantes; o apoio do Imperador D. Pedro II e o fato de que o Rio de Janeiro foi uma cidade amplamente fotografada, tendo sido objeto de Juan Gutierrez, Marc Ferrez, George Leuzinger, Guilherme dos Santos, Augusto Malta, Germano Dalmon e Botelho. A autora afirma que:

A imagem fotográfica desde sua invenção na década de 1830, tem sido alvo de várias discussões a respeito de sua “impressão de realidade”, pois sendo resultado de um processo técnico de produção de imagem, adquiria um status de “reflexo da realidade” ou “reprodução do real” nunca antes conseguido. Esta imagem tão verossímil estabelecia um novo conceito: o da verdade ótica fotográfica (SILVA, 1998, p. 21).

O conceito da verdade ótica da fotografia foi extraído da obra de Antônio R. Oliveira J, intitulado “Do reflexo à mediação: um estudo da expressão fotográfica e da obra de Augusto Malta”, capítulo publicado no livro de Phillipe Dubois (1992), “O ato fotográfico”. Assim como Oliveira (1994), Silva (1998), problematiza a aceitação de tal verossimilhança. Silva (1998), inclusive, pauta-se em Bourdieu (1989), para definir sua recusa em explicar porque a representação fotográfica implicava em uma “impressão de realidade”. A ideia de fotografia como reprodução da realidade fora amplamente questionada a partir do momento em que as mesmas passaram a constar como fontes de pesquisa em História.

Torna-se relevante pensar que o estudo de uma dissertação defendida no final da década de 1990 leva a compreender, ainda que de forma singular, quais são as principais bases para a utilização da fotografia como fonte de pesquisa naquele período. Percebe-se que foi realizada a opção por uma investigação pautada na semiótica ou, como a autora denomina, uma metodologia histórico-semiótica. Conforme a autora:

A fotografia é um signo icônico e indicial que substitui e guarda uma conexão com o real, daí sua capacidade de produzir verossimilhança. É também um signo simbólico, portador de uma “lei de representação”, pois estaria veiculando determinadas ideias abstratas armazenadas na programação visual e linguística de nossos cérebros (SILVA, 1998, p. 24).

A autora indica como etapa inicial de uma pesquisa pautada na metodologia histórico-semiótica, a montagem de um *corpus* que obedeça a um recorte temporal e seja suficientemente extenso e homogêneo, o que atuaria no sentido de esgotar o sistema completo de semelhanças e diferenças dos elementos ali contidos. Conforme a autora, esse *corpus* pode ser organizado a partir de um tema ou de uma agência produtora. A autora elaborou, então, uma ficha de análise que levava em consideração a relação entre plano de conteúdo e plano de expressão. Tal divisão, pauta-se em Mauad (1990). Para Silva (1998), o primeiro refere-se à relação dos elementos da foto com o contexto em que se encontra inserida. O segundo, viabilizaria a compreensão dos significados das opções de enquadramento, nitidez, ou seja, elementos técnicos e de produção.

A partir da concepção de unidades culturais, a autora afirma que cinco tipos de espaços estruturariam as imagens, também pautada em Mauad (1990): o fotográfico, o geográfico, o espaço do objeto, espaço da figuração e espaço da vivência. No intuito de atender às

particularidades dos documentos de sua pesquisa, a autora agrupou os referidos espaços em: a) técnica fotográfica e composição da imagem e b) cenários, personagens e vivências. Silva (1998) organizou o *corpus* fotográfico relacionando o tema a cada agência produtora, tendo escolhido privilegiar uma agência da sociedade política, o governo municipal e agências da sociedade civil, as revistas ilustradas.

Ainda com o intuito de viabilizar a sua análise, dividiu as fotografias em dois conjuntos: fotografias com ambulantes e fotografias gerais, sendo que este grupo referia-se às fotografias que abordassem qualquer temática e que não constassem de ambulantes, identificadas com o intuito de abordar quantitativamente as temáticas retratadas. A segunda, logo, foi utilizada no sentido de realizar um contraponto com o primeiro grupo.

#### **4. As fotografias oficiais: o trabalho ambulante pelas lentes de Augusto Malta**

As imagens produzidas por Malta eram amplamente divulgadas, tanto por meio de revistas, como de postais. Malta possui papel expressivo como fotógrafo que registrou a cidade do Rio de Janeiro durante as três primeiras décadas do século XX, especialmente por ser contratado como fotógrafo na gestão do prefeito Pereira Passos, em 1903. De acordo com Ciavatta (2002):

As fotografias de Malta, por exemplo, se colocadas em série e situadas nas relações de poder no Rio de Janeiro do início do século, podem nos revelar aspectos importantes das imagens de trabalhadores que o poder oficial esforçou-se em “monumentalizar”, perpetuando uma memória que correspondesse às aspirações políticas, econômicas e culturais a serem universalizadas (CIAVATTA, 2002, p. 40).

Tais conjuntos fotográficos encontram-se amplamente imbuídos de discursos. Silva (1998) denomina de discurso oficial, tendo em vista que Malta fora contratado para produzir tais imagens. Questiona-se, contudo, em que medida o fotógrafo não estava também prenhe de tais representações? A sua profissão, de trabalhador com exigência de qualificação, distinguia-se daqueles que foram retratados em meio aos casebres e vielas. Malta dedicava-se a um trabalho fruto da modernização tecnológica, dominava o uso da máquina de representava a realidade (uma realidade deveras recortada, intencional). Os trabalhadores ambulantes, no entanto, eram herdeiros das mazelas geradas pelos anos de escravidão e por uma abolição que legara pessoas à própria fortuna, sem qualquer amparo. Possivelmente o fotógrafo não destoava de opinião em relação à agência que o contratara.

Silva (1998), afirma que o fotógrafo parecia ter bem definida sua função de intermediário entre a realidade ótica-visual e o seu posterior consumo (tanto pela Prefeitura do Rio de Janeiro, como pela sociedade). Dessa forma, a autora compreende que a unidade entre signos visuais e verbais atribuída unidade ao conteúdo comunicativo. A produção do fotógrafo encontra-se amplamente articulada com o ponto de vista da agência produtora, o que promovia uma relação dialógica entre fotógrafo e seu contratante, bem como uma intertextualidade entre imagem, legenda e discurso governista.

Tendo em vista a amplitude quantitativa de fotografias produzidas por Augusto Malta, optou por delimitar sua pesquisa ao conjunto de fotografias do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), local no qual se encontram as fotografias produzidas para a prefeitura do Rio de Janeiro. As fotografias encontravam-se organizadas por pastas, com temáticas como praças, comércio, festividades, ruas, solenidades e Igrejas. Em sua primeira análise, a autora verificou a inexistência de fotografias de ambulantes nas pastas comércio e profissões. Ao observar tais documentos, verificou que a maior parte das fotografias que retratavam os trabalhadores ambulantes referiam-se a fotografias de ruas e praças. Das 198 fotografias analisadas, apenas 57 contavam com a presença de ambulantes.

Deve-se ter em conta o que fotografias são elaboradas cultural, estética e tecnicamente, como aponta Kossoy (1998), que considera fundamental a compreensão dos referentes presentes na imagem a partir de um processo de construção da representação. Dessa forma, não se pode negar a presença dos referentes constantes nas fotografias, mas é importante considerar as intencionalidades que conceberam a composição das imagens.

Ciavatta (2009) compreende a fotografia como mediação. Conforme a autora:

As mediações são processos sociais complexos que permitem compreender os fenômenos não apenas enquanto objetos isolados ou na sua aparência, mas na sua historicidade no tempo e no espaço, portanto no movimento da história e de sua transformação, com as conquistas e contradições que ela implica (CIAVATTA, 2009, p. 44).

Silva (1998) afirma que no conjunto de fotografias com ambulantes, o tema da expressividade das obras, ou seja, fotografias de espaços reformados ou que necessitavam reformas, encontram-se entre os mais abordados. Compreende que em nenhuma das fotos analisadas esses trabalhadores são o tema principal, mas são retratados em meio ao trânsito ou às fachadas. Deve-se ter em conta que as imagens produzidas no período estudado referem-se aos interesses, às concepções e às práticas sociais de uma elite. Nesse sentido, tais sujeitos, oriundos de camadas subalternas da população raramente seriam objeto a ser retratado. A fotografia 2.1 é a décima quarta imagem apresentada na dissertação de Silva (1998). A legenda indica o tema principal, neste caso, são os casebres do Morro Santo Antônio o seu objeto.

**Fotografia 2.1** - "Casebres do Morro de Santo Antonio Rio-3-8-14".



**Fonte:** MALTA, A. "Casebres do Morro de Santo Antonio Rio-3-8-14". Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 03-08-1914.



A fotografia 2.1 retrata uma série de casebres.<sup>81</sup> Pelos caminhos entre as simples habitações, verifica-se a presença de várias crianças, tanto meninas como meninos. Próximo a elas, um ambulante ao lado de seu carro, instrumento fundamental para seu trabalho. Tanto as crianças pobres, como os demais integrantes desse espaço urbano que até então não possuía a organização considerada fundante para a modernização da cidade, como o trabalhador ambulante, são ao mesmo tempo invisíveis, por não serem dignos de uma menção na legenda, e visíveis, por constituírem-se em personagens inadequados à representação social da época.

Outro tema recorrente são os quiosques, os quais estavam presentes em determinados locais do espaço urbano, como pode ser percebido na fotografia 2.2. Silva (1998), afirma, outrossim, que as fotografias de Augusto Malta mostram a clientela, cuja composição dava-se principalmente por tipos populares, como carregadores, ambulantes e engraxates. Além disso, a autora informa que tal insatisfação já se fazia presente em grupos sociais mais elevados. Tal afirmação, leva a um questionamento sobre a difusão de um pensamento contrário à manutenção dos quiosques, o qual foi difundido em diferentes grupos sociais, embora atendessem aos interesses de alguns, especificamente, os setores populares.

A intencionalidade da imagem é elemento fundamental para sua análise, pois deve-se ter em conta que, conforme afirma Burke (2004, p. 18): “Imagens são testemunhas mudas e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho”. O silêncio das fotografias, são relevados, em suas legendas, como no caso das atribuídas por Malta. Destaca-se, ainda, outra afirmação de Burke (2004) que enfatiza a necessidade de estar consciente das fragilidades das imagens para que as mesmas possam ser utilizadas como evidências de forma segura.

Deve-se ter em conta que Silva (1998) ainda que não apresente uma perspectiva do estudo da fotografia como mediação, pauta-se em uma opção de contexto, mais voltada para a hermenêutica. No estudo de seu objeto de pesquisa utilizou a intertextualidade como elemento fundamental para análise e apresentou uma contextualização necessária para a compreensão dos documentos a que se propôs estudar.

**Fotografia 2.2.** – “Largo do Depósito - Rio-(?)-9-04”.



**Fonte:** MALTA, A. “Largo do Depósito - Rio-(?)-9-04”. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, (?) -09-1904.

<sup>81</sup> A reprodução das fotografias 2.1 e 2.2, aqui utilizadas, foi cedida pela Fundação Casa de Rui Barbosa, à Prof.<sup>a</sup> Maria Ciavatta, para o Projeto de Pesquisa e publicação do livro “O mundo do trabalho em imagens – A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)”, apoio CNPq, e Faperj (CIAVATTA, 2002, p. 83) .

A fotografia 2.2, não foi extraída da dissertação de Silva (1998), tendo em vista a baixa qualidade da reprodução da mesma. Trata-se de um estudo defendido na década de 1990. No entanto, a fotografia selecionada, também produzida por Malta no período estudado pela autora, apresenta similaridades com várias das fotografias apresentadas. A mesma tem como objeto um quiosque, entretanto, sua legenda indica o local que foi tema da fotografia: o Largo do Depósito, no centro do Rio de Janeiro. Pode-se verificar que o quiosque está localizado no quadrante inferior esquerdo da imagem, entre prédios que estão em bom estado de conservação. Próximo a ele, encontram-se charretes e transeuntes, tais como a clientela mencionada por Silva (1998). Destes transeuntes, alguns dedicavam-se ao seu trabalho, sem sequer voltar-se para o fotógrafo que os retratava indiretamente, enquanto os jovens a esquerda, um que aparentava ainda ser criança, olham para a câmera enquanto realizam suas atividades. Em ambas as figuras, torna-se relevante mencionar o fato de que, apesar de não ser o objeto principal a ser fotografado, parece não ter havido o intento de escondê-los. As reformas urbanas levadas a cabo nas primeiras décadas do século XX prometiam urbanidade e civilidade a partir da perspectiva elitista que reproduzia valores anteriormente difundidos em outros países, notadamente na Europa. Nesse ambiente moderno, ambulantes e cães vadios representavam persistência de um passado que a gestão pretendia extirpar.

Silva (1998), menciona Luiz Edmundo, que, como crítico das camadas populares, afirmava que o trabalho era elemento de validade social, entretanto, o mesmo precisaria enquadrar-se no modelo capitalista, caso contrário, as características de vadio e desordeiro ser-lhe-iam atribuídas. A cidade como espaço de transformações, vivenciaria uma remodelação urbana e social, efetivada pelo poder do Estado, o qual, segundo a autora, utilizava o controle social como importante estratégia.

## **5. Imagens do trabalho ambulante nas revistas ilustradas cariocas**

O mesmo cuidado e organização dados às fotografias de Malta foi dedicado às fotografias da imprensa. Com relação à organização do corpus documental, a autora catalogou todas as fotografias em que o ambulante aparecia e percebeu que a maior parte das imagens em que esse trabalhador era retratado referiam-se a fotografias de ruas, fachadas, procissões, comemorações e festas populares. Os mesmos, eram retratados misturados à multidão ou parados. Foram pesquisadas todas as publicações entre: Careta (1908 à 1920); Fon-fon (1907 à 1920) e Revista da Semana (1903 à 1920). Foram localizadas 56 fotografias nas quais apareciam os ambulantes, sendo que: 15 na Careta, 13 na Fon-fon e 28 da Revista da Semana. Foram selecionadas uma ou duas fotografias de anos indicados, as quais constituíram uma amostragem, tendo em vista a inviabilidade de analisar o universo de imagens publicadas.

Ao optar pela utilização de fotografias como fonte de pesquisa para o estudo do período definido por Silva (1998), definitivamente, as revistas ilustradas apresentam-se como periódicos prechos de possibilidades, tendo em vista a ampla utilização de imagens em suas páginas e sobre como essas foram utilizadas para transmitir determinadas informações e influenciar determinadas formas de pensamento. Conforme a autora:

Dentro de uma perspectiva indiciária, as fotografias de imprensa, como as fotografias de Augusto Malta, configuram-se como um importante documento histórico, pois nos dão sinais da existência desse tipo de trabalho e de sua relação com o cotidiano da cidade. São resíduos da realidade social do Rio de Janeiro (SILVA, 1998, p. 106).

Com relação ao tipo de documento, o qual diferencia-se das fotografias oficiais, a autora pautou-se em Mauad (1996) que entende que o fotojornalismo utilizou as imagens para estruturar uma mensagem que atuava no sentido de naturalizar as representações de classe, ao mesmo tempo em que reforçava o texto escrito. Logo, nesse tipo de publicação, percebe-se

que o mito da realidade fotográfica era amplamente utilizado para fundamentar o pensamento transmitido pela escrita.

Percebe-se que a autora preocupou-se em como sistematizar seu corpus documental, com o intuito de compreendê-lo de forma mais adequada. As fotografias publicadas na imprensa são fonte vigorosa de investigação, preñe de discursos e ideários. Deve-se ter em conta o que afirma Freund (2008, p. 96): “A introdução da foto na imprensa é um fenômeno de capital importância. Muda a visão das massas (tradução nossa)<sup>82</sup>”. Além disso, a autora continua: “A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é reflexo concreto do mundo onde cada um vive (tradução nossa)<sup>83</sup>” (FREUND, 2008, p. 96). A concretude abordada por Freund, os elementos de realidade presente nas imagens fotográficas consagraram-na em ferramenta extremamente útil para a imprensa ilustrada. Sendo assim, a veracidade que já se constituía em uma palavra com a qual a imprensa encontrava-se relacionada, ganhou maior credibilidade com a inclusão de fotografias. Embora tenha-se em conta que veracidade e parcialidade são conceito totalmente questionáveis, no âmbito do senso comum, a imprensa estabeleceu-se com tal *status*.

A referida confiabilidade, porém, encontrava-se pautada em objetos cuja função seria duvidosa. Assim como as palavras, as imagens tornaram-se manipuláveis: “Ao mesmo tempo, se converte em um poderoso meio de propaganda e manipulação. O mundo em imagens funciona de acordo com os interesses daqueles que são os proprietários da imprensa: a indústria, a finança, os governos (tradução nossa)<sup>84</sup>” (FREUND, 2008, p. 96). Essa citação demonstra o cuidado necessário para realizar a análise de documentos, sejam eles visuais ou escritos. O caráter de veracidade das fotografias não é menos perigoso que o das fontes escritas.

Tendo em conta a criticidade das fontes, antes de iniciar uma análise do *corpus* documental selecionado, Silva (1998) relaciona o surgimento do tipo de revista das quais extraía suas fontes, como fruto de um contexto de transformações na economia e relacionadas ao declínio da cafeicultura na província do Rio de Janeiro, as quais modificaram a economia urbana, ao deslocar recursos para os setores secundário e terciário. Com relação às revistas:

Configuravam-se como instrumentos propagadores de um dado discurso de modernização e civilização da cidade, ligado à fração de classe dominante naquele período. Essa fração de classe era representada por engenheiros, comerciantes, industriais pertencentes a entidades como Associação Comercial e Clube de Engenharia, que forneciam quadros do executivo municipal como foi o caso do engenheiro Pereira Passos, e também de comissões e conselhos ligadas ao executivo, como por exemplo a Comissão de Melhoramentos, composta por engenheiros e arquitetos (SILVA, 1998, p. 109).

Ao pontuar os aspectos envolvidos, a autora demonstra como sua análise leva em conta a conjuntura em que seu objeto estudado se inseria. Dessa forma, ao pensar a afirmação de Vilar que entende conjuntura como “conjunto das condições articuladas entre si que caracterizam um dado momento no movimento global da matéria histórica” (VILAR, 1985, p. 77), verifica-se que Silva (1998) buscou embasamento em tal contexto para estudar os agentes relacionados à produção das imagens, sejam as fotos oficiais, como as de Augusto Malta, ou as fotografias publicadas na imprensa. Além disso, ela situou Pereira Passos em seu contexto de formação e origem, bem como a grupos a que se relacionava.

Pautando-se em Mauad (1990), Sevcenko (1983), Schwarcz (1987) e Barbosa (1996), a autora contextualizou a imprensa da época e, com mais profundidade, as revistas utilizadas: Fon-fon, Careta e Revista da Semana. A autora também problematiza, com base em autores como

---

<sup>82</sup> Do original: “La introducción de la foto en la prensa es un fenómeno de capital importancia. Cambia la visión de las masas”.

<sup>83</sup> Do original: “La palabra escrita es abstracta, pero la imagen es el reflejo concreto del mundo donde cada uno vive”.

<sup>84</sup> Do original: “Al mismo tiempo se convierte en un poderoso medio de propaganda y manipulación. El mundo en imágenes funciona de acuerdo con los intereses de quienes son los propietarios de la prensa: la industria, la finanza, los gobiernos”.



Barthes (1982) e Mauad (1990) a fotografia de imprensa, tendo em vista as suas peculiaridades em relação às fotografias originais, tais imagens se constituem, nas palavras do primeiro, em:

[...] objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros tantos fatores de conotação; e por outro lado, esta fotografia não é só captada, recebida, mas também lida, incorporada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome [...] (BARTHES apud SILVA, 1998, p. 120).

A fotografia 3, extraída da Revista Careta e publicada no ano de 1908, refere-se ao “lunch” dos estudantes às portas da Faculdade de Medicina. Percebe-se, no canto inferior direito, a presença da vendedora, a qual se encontra sentada. Ao seu lado, são vistos vários estudantes, os quais trajavam terno e usavam chapéus. Ao centro, encontrava-se a mesa em que a vendedora expunha seus produtos. Silva (1998) afirma que a importância do comércio ambulante não terminou junto ao século XIX, mas, durante o século XX, tais vendedores seguiram provendo a população de algumas de suas necessidades. Conforme a autora, tais vendedores eram, em sua maioria, ex-escravizados, os quais trabalhavam ao lado de brancos e imigrantes. Mulheres, como pode ser percebido na fotografia 3, também integravam esse grupo de trabalhadores. A autora destaca as tias baianas e as vendedoras de fruta e de mingau.

No caso da fotografia acima, Silva (1998) destaca que algumas vendedoras tornaram-se figuras tradicionais e apresenta o caso de uma vendedora que fora abrigada a transferir-se, mas contou com o apoio dos estudantes do Curso de Direito. A legenda indica que a fotografia refere-se aos estudantes do Curso de Medicina. Tal fotografia enquadra-se em um dos momentos em que o entendimento dos trabalhadores ambulantes como elemento pitoresco da cidade do Rio de Janeiro recebia aceitação e encontrava, na revista, espaço de defesa. A vendedora ocupa na fotografia, o espaço que lhe caberia na sociedade: o de servir e o de ser coadjuvante dos jovens estudantes, que foram objetos da legenda. A ela, não coube menção. Sua aceitação decorre da ausência de disputas e de sua utilidade para estudantes de ensino superior, integrantes de classes sociais elevadas, bastante distantes da classe da trabalhadora retratada.

**Fotografia 2.3** - “A vida acadêmica”, “O lunch dos estudantes de Medicina, à porta da Faculdade”



**Fonte:** AUTOR não identificado. “A vida acadêmica”, “O lunch dos estudantes de Medicina, à porta da Faculdade”. Biblioteca Nacional Digital. [Revista] Careta, Rio de Janeiro, 10/10/1908.



Para compreender a presença de mais de um tipo de discurso: um contrário, voltado para a retaliação e para extirpar tais práticas laborais do espaço que seria dedicado a determinados grupos sociais e um de aceitação de tais trabalhadores, como elementos pitorescos que em sua suposta inferioridade social, podem atender às necessidades frívolas de pessoas de classes elevadas. Ao observar a fotografia 2.3, percebe-se que a ambulante encontra-se em plano destacado na imagem. Contudo, a legenda é incapaz de mencioná-la.

Silva (1998) destaca que alguns ambulantes eram mais aceitos do que outros, dependendo do barulho que faziam e da forma como se apresentavam. De acordo com a autora, existia uma ambiguidade de discursos sobre tais trabalhadores, a qual encontrava-se também presente nas revistas ilustradas. Ressalta que, por exemplo, o jornaleiro era mais aceito do que o vendedor de loterias. Tal afirmação pautava-se na necessidade de comprar jornais e revistas por parte da população, enquanto as loterias passaram a ser perseguidas pelo poder público. Além disso, aponta para o fato de que alguns trabalhadores adequavam o seu modo de vestir, trajando paletó e sapatos, enquanto outros não julgavam necessário, já que trabalhavam honestamente.

Sobre tal ambiguidade, Silva (1998, p. 143) aponta que: “A organização das sessões das revistas e a escolha do que seria fotografado dialogava com a ação reguladora do poder público municipal”. A autora ressalta que tais periódicos divulgavam um estilo burguês de comportamento. Entretanto, destaca que na virada do século XX, ocorria uma tensão entre o passado colonial e a modernização. Dessa forma, os ambulantes eram representados tanto como elementos vinculados ao atraso, como sujeitos integrantes de uma identidade pitoresca atribuída ao Rio de Janeiro.

## **Considerações finais**

Ao finalizar sua dissertação, Silva (1998) afirma que a documentação analisada se referia, na maior parte das vezes, à permanência do ambulante no espaço urbano ou aos problemas que isso causaria à higiene urbana. Conforme a autora, nas crônicas, por exemplo, há tanto manifestações de oposição, como de aceitação dos ambulantes. O caráter pitoresco e integrado ao cotidiano do Rio de Janeiro é hora questionado, hora defendido. Tais trabalhadores, no entanto, não tinham condições materiais que viabilizassem a produção de representações que partissem de seu próprio grupo social. Foram legadas representações produzidas pelas elites, pela classe dominante, que os considerava inadequados ou pitorescos. Sua origem étnica e social distanciava-se das concepções de modernidade vigentes do período. Entretanto, o seu deslocamento constituía-se na solução proposta. A mesma em nada contribuía para as desigualdades sociais originadas dos longos anos de escravidão e de um processo de abolição que não se preocupou com as condições que os libertos encontrariam.

A fotografia como mediação, corrobora para compreender o papel social atribuído a tal grupo no período em que foram estudados. As imagens são parte da totalidade social a que pertencem, atribuindo-lhes forma e significado social. Os processos históricos encontram-se permeados por mais de um discurso. Certamente, o discurso oficial, a ação controladora do poder público municipal possui papel hegemônico e encontrava apoio em determinados grupos sociais. Entretanto, como a história não se constitui em um processo linear, logo, a preservação de um passado colonial, permeado por suas permanências, como a presença dos trabalhadores ambulantes, convive, ainda que de forma conflitante, com a proposta de modernização e urbanidade, pautada em elementos estrangeiros.

A fotografia, ao longo da dissertação de Silva (1998), foi organizada, categorizada e esmiuçada, de forma a comparar quantitativos com e sem a presença dos ambulantes. Além disso, o espaço, as legendas e os discursos integraram a análise que levou em conta o contexto em que tais documentos foram produzidos. O processo histórico estudado considerou a conjuntura e a estrutura, o tempo e o espaço de sua realização.

Tal estudo dedicou-se tanto aos documentos produzidos em âmbito oficial, ou seja, as fotografias produzidas por Augusto Malta para o governo de Pereira Passos, como fotografias

publicadas na imprensa ilustrada, as quais corroboravam com o discurso oficial e a difusão de um modelo burguês, mas cujos editores dividiam-se entre a aceitação dos ambulantes nesse contexto de modernização e sua negação, o seu fim. A autora estudou os agentes que produziam tais documentos de forma a compreender a elaboração de seus discursos.

Destaca-se, ainda, a importância de tal estudo no sentido de compreender quais referências teóricas pautavam a utilização da fotografia como fonte de pesquisa na década de 1990. Deve-se ter em conta que, ainda que se tenham estudos internacionais com a utilização de tal documento, a partir da abertura às novas fontes, no Brasil ainda havia poucos estudos que pautassem tal utilização. Dessa forma, compreende-se que a dissertação de Silva (1998) constitui-se em importante referência para estudar o trabalho ambulante, bem como para pensar a fotografia como fonte de investigação.